

Orquestra Gulbenkian

Hannu Lintu
Alessio Bax



19 + 20 mar 26

19 mar 26 QUINTA 20:00

20 mar 26 SEXTA 19:00

GRANDE AUDITÓRIO

Orquestra Gulbenkian

Hannu Lintu Maestro

Alessio Bax Piano

Felix Mendelssohn-Bartholdy

Sonho de uma Noite de Verão, op. 21

c. 12 min

Hans Werner Henze

Sinfonia n.º 8

c. 25 min

1. *Allegro*

2. *Allegramente con comodo tenerezza e ballabilità*

3. *Adagio*

INTERVALO

Johannes Brahms

Concerto para Piano n.º 2,
em Si bemol maior, op. 83

c. 50 min

1. *Allegro non troppo*

2. *Allegro appassionato*

3. *Andante*

4. *Allegretto grazioso*

DURAÇÃO TOTAL PREVISTA: c. 2h

INTERVALO DE 20 MIN

Felix Mendelssohn-Bartholdy

(Hamburgo, 1809 – Leipzig, 1847)

Sonho de uma Noite de Verão, op. 21

—

COMPOSIÇÃO 1826

ESTREIA Stettin, 20 de fevereiro de 1827

DURAÇÃO c. 12 min

A recuperação das obras de William Shakespeare teve um grande impacto na música do Romantismo. Esse movimento valorizou a música orquestral, contexto no qual Felix Mendelssohn ocupou um papel determinante. *Sonho de uma Noite de Verão* é uma abertura de concerto inspirada na peça homônima do dramaturgo inglês. A abertura de concerto é um gênero de música programática que representava um universo extramusical através da orquestra, evidenciando a proximidade entre música e literatura na época. Então um gênero novo, Mendelssohn incorporou-o no recentemente criado concerto público. O compositor escreveu a abertura *Sonho de uma Noite de Verão* entre julho e agosto de 1826. A peça foi apresentada, privadamente e numa versão para dois pianos, na casa dos Mendelssohn em novembro desse ano. A estreia oficial deu-se a 20 de fevereiro de 1827, em Stettin (atual Szczecin, na Polónia). Algumas décadas depois, o compositor escreveu música de cena para a peça de Shakespeare.

Mendelssohn procurou representar o imaginário sobrenatural da peça de teatro através da orquestra numa abertura inspirada na forma sonata. Esta tem início com quatro acordes interpretados pelos instrumentos de sopro, um motivo estático que contém as notas a partir das quais

o compositor divisou a obra. O movimento perpétuo protagonizado pelas cordas agudas lança o primeiro grupo temático, cinético e insistentemente rítmico, de carácter obstinado e percussivo. Essa melodia ondulante é interpolada por intervenções verticais dos instrumentos de sopro, preparando um *tutti* enérgico. Após uma breve transição, emerge uma melodia lírica contrastante, protagonizada pelos instrumentos de sopro. Esse tema é apropriado pelas cordas, que o trabalham e desenvolvem em jogos de pergunta-resposta com os sopros. O desenvolvimento acentua a atmosfera mágica, dominado pela energia do primeiro tema. A célula rítmica recorrente reforça a instabilidade harmónica e tonal, intensificada pelo recurso ao contraponto. Notas repetidas e figurações descendentes conduzem a um breve regresso do lirismo, preparando uma reexposição que retoma e sintetiza os dois grupos temáticos. Esta começa com o retorno dos quatro acordes iniciais e culmina numa coda enérgica e heroica do *tutti* orquestral. Acentuações e síncopas aceleram a narrativa até ao reaparecimento do primeiro tema, que se dissolve num final sereno, encerrando o sonho dessa noite.

Hans Werner Henze

(Gütersloh, 1926 – Dresden, 2012)

Sinfonia n.º 8

COMPOSIÇÃO 1992-1993

ESTREIA Boston, 1 de outubro de 1993

DURAÇÃO c. 25 min

A obra de Hans Werner Henze destaca-se no panorama germânico do pós-Segunda Guerra Mundial. A teatralidade, o papel da política na sua produção e a plasticidade na abordagem dos modelos modernistas estabeleceram-no enquanto voz ímpar e referência internacional. A Sinfonia n.º 8 foi composta entre 1992 e 1993 e resultou de uma encomenda da Orquestra Sinfónica de Boston, a dedicatária da peça. Estreada por esse agrupamento, sob a direção de Seiji Ozawa, a 1 de outubro de 1993, inspira-se em *Sonho de uma Noite de Verão* e mistura a abordagem teatral de Henze com elementos evocativos da abertura de Mendelssohn, numa espécie de rutura e continuidade simultâneas do cânone musical alemão.

O *Allegro* remete para a velocidade e a travessura, características do engenhoso Puck, a criatura mágica que Oberon, o Rei das Fadas, enviou para colher o “amor-perfeito.” A flor mágica, quando aplicada nas pálpebras de alguém que dorme, faz essa pessoa apaixonar-se pela primeira pessoa que vê. Os elementos sinuosos e ondulantes ecoam o movimento perpétuo da primeira secção da abertura de Mendelssohn. Contudo, a sobreposição e desfasamento desses motivos, que oscilam em torno de uma nota, criam uma trama distinta. O recurso a

elementos percussivos, marcados por diversos instrumentos da orquestra, reforça um ambiente caótico baseado na transformação de curtas células e dominado pelo pulsar do ritmo.

Uma curta transição assente em motivos descendentes que crescem e diminuem é conduzida pelos instrumentos graves de bocal, alimentando a intensificação do dramatismo. A sobreposição de camadas definidas pelo timbre evoca as práticas associadas à Segunda Escola de Viena e antecipadas por Gustav Mahler. Assim, a distorção de elementos familiares alimenta uma passagem de carácter narrativo e percussivo que evoca a marcha. Nela, o brilho dos instrumentos de bocal e da percussão reforça o ambiente sobrenatural da peça de teatro. Os metais com surdina apoiam o regresso dos motivos ondulantes do início, desembocando num final em que as cordas tocam notas longas e algumas camadas dos elementos iniciais emergem e submergem na textura.

O *Ballabile* assenta na estilização de padrões rítmicos, por vezes aproximando-se às sincopações do jazz, representando, magistralmente, a cena caricatural de *Sonho de uma Noite de Verão* em que Titania, a Rainha das Fadas, se apaixona pelo tecelão Bottom, então com a cabeça transformada por Puck na de um burro.

Os timbres dos instrumentos associam-se a motivos até à apresentação de um tema lírico e ornamentado pelas cordas. O regresso ao ambiente de cabaré e de jazz-band, agora intensificado e em crescendo, permite o alargamento dos registos e dinâmicas do espectro, cedendo lugar a uma passagem delicada e dominada pelas cordas, que ornamentam com trilos motivos que oscilam entre notas próximas. O regresso da atmosfera dançável e sincopada é interpolado pela marcha e por episódios contrapontísticos. A divisão da orquestra em agrupamentos de câmara com funções diferenciadas marca a acalmia e o regresso a um ambiente misterioso de conto de fadas. Após uma passagem focada no registo grave, que recorre a notas repetidas com acentuações assimétricas, a adição de instrumentos à textura prossegue até um *tutti* vertical, percussivo e balançante.

A sinfonia termina com um andamento que revela com clareza a série dodecafónica em que se baseia a totalidade da obra. No *Adagio*, Henze captou o monólogo final de Puck, a conclusão da peça que revela que tudo não passou de um sonho. O monólogo é conduzido pelo oboé, que interpreta um solo lírico sobre acompanhamento das cordas. A sobreposição de planos, nem sempre coincidentes, alimenta uma passagem baseada em ecos e ressonâncias, evidenciando a divisão entre a realidade e o sonho. O oboé reaparece e sobressai numa textura densa, tocando motivos disjuntos e cedendo lugar a um episódio centrado em motivos circulares das flautas sobre a harpa, numa estética em que alguns elementos emergem e se individualizam de um fundo sonoro que condensa,

simultaneamente, estatismo e dinamismo. A Sinfonia n.º 8 termina na submersão dos materiais musicais, como se se dissolvessem no sonho de Shakespeare, Mendelssohn e Henze.

Johannes Brahms

(Hamburgo, 1833 – Viena, 1897)

Concerto para Piano n.º 2, em Si bemol maior, op. 83

—

COMPOSIÇÃO 1878-1881

ESTREIA Budapeste, 9 de novembro de 1881

DURAÇÃO c. 50 min

A relação entre o ideal sinfónico e o virtuosismo, tendências apresentadas como incompatíveis, marcaram o Romantismo tardio. As suas interações produtivas encontram-se patentes no Concerto para Piano n.º 2 de Johannes Brahms. Escrito no verão de 1881 e dedicado a Eduard Marxsen, pianista e professor de Brahms em Hamburgo, apresenta uma estrutura sinfónica em quatro andamentos em que o solista tem uma abordagem orquestral e os instrumentos da orquestra, em especial a trompa e o violoncelo, desempenham papéis de solista. O concerto foi apresentado pela orquestra de corte de Meiningen, com a qual Brahms tinha desenvolvido uma relação próxima, antes da estreia oficial em Budapeste, a 9 de novembro de 1881. Com esse agrupamento, então liderado por Hans von Bülow, Brahms apresentou a obra em Berlim, Kiel e Hamburgo. O concerto foi tão bem recebido que foi interpretado pelo compositor mais de duas dezenas de vezes na temporada 1881-1882.

O *Allegro non troppo* começa de uma forma estática, com um solo de trompa, ao qual o piano responde.

Um chamamento campestre lança o mote para uma cadência interpretada pelo solista, antes da exposição deste andamento próximo da forma sonata.

A energia do piano, com passagens virtuosísticas que recorrem ao contraponto ou a acordes densos que simulam a orquestra, antecipa a entrada gloriosa desse agrupamento. A orquestra introduz um dos temas principais, complementado e desenvolvido por motivos de carácter lírico apresentados pelas madeiras e pelas cordas. Seguidamente, o pianista expõe os temas de carácter tumultuoso que revelam a grande escala da obra, em que o movimento e a oscilação entre os modos maior e menor participam numa textura de complementaridade entre solista e orquestra. O regresso orquestral dos motivos líricos ondulantes marca uma viragem, prosseguida pelo solista. A atmosfera solene e vertical, sustentada por ritmos pontuados é retomada, numa condensação de instabilidade e de fragmentação dos materiais temáticos característicos do desenvolvimento. As transformações temáticas apresentadas na reexposição, movimentada e tempestuosa, conduzem a uma coda enérgica que ganha alento e cresce até ao final.

O *Allegro appassionato* remete para um *scherzo* em que uma forma sonata é interpolada por um *Trio*. O gesto do piano é pontuado pelas cordas, marcando a dominância de uma interação umbilical entre solista e diversos naipes

do agrupamento. A elaboração em crescendo das células basilares antecipa uma recapitulação transformada da exposição. Um *Trio* enérgico, vertical e luminoso, propulsionado pela orquestra e no qual o piano participa, funciona como secção contrastante. O regresso do contraste temático numa passagem cinética prepara o retorno da trompa, que assinala a transição para a acalmia.

O *Andante* destaca-se pelo papel solista do violoncelo, ao qual é atribuído um lírico e longo solo sobre o acompanhamento esparso da orquestra. Uma longa melodia *cantabile*, em *legato*, cuja tensão sublinha o diferimento das resoluções é repetida, criando o ambiente de placidez estática no qual o piano faz a sua entrada discreta. Todavia, uma transformação abrupta lança um episódio dominado por passagens enérgicas e afirmativas, sublinhadas pela sensação de desequilíbrio proveniente do desfasamento das mãos do solista. A atmosfera lírica quase bucólica regressa e é logo seguida do solo de violoncelo acompanhado e sublinhado pelos trilos do piano.

O concerto termina com um *Allegretto grazioso*, próximo da forma rondó-sonata e marcado pela leveza. A profusão de temas e episódios perpassa o andamento, oscilando entre passagens heroicas e afirmativas e momentos líricos introspetivos. O piano e a orquestra apresentam e desenvolvem os materiais, realizando a transição para um episódio com carácter de dança. O regresso do material inicial é feito através da adição e variação de elementos, apresentando um carácter de desenvolvimento. Um episódio contrastante antecipa uma *coda* enérgica

baseada no primeiro tema, com a adição de novos materiais e estilização da marcha num final pirotécnico que sintetiza a obra.

NOTAS DE JOÃO SILVA

Hannu Lintu

O finlandês Hannu Lintu é o atual Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian. Em paralelo, prossegue o seu trajeto como Maestro Principal da Ópera e Ballet Nacionais da Finlândia e inicia os seus mandatos como Parceiro Artístico da Sinfônica de Lahti e Diretor Artístico do Festival Internacional Sibelius. Na temporada passada, Lintu foi nomeado Diretor Musical da Orquestra Sinfônica de Singapura, com início em 2026/27. Nos últimos anos, dirigiu a Sinfônica de Chicago, a Filarmônica de Nova Iorque, a Filarmônica de Berlim, a Orquestra de Cleveland, a Sinfônica da Rádio da Baviera, a Orquestra Nacional da Radio France, a Sinfônica de Boston, a Sinfônica da Rádio Sueca, a Deutsches Symphonie-Orchester Berlin, a Filarmônica de Londres, a Sinfônica de Atlanta, a Orquestra do Konzerthaus de Berlim e a Sinfônica de Montreal, entre outras orquestras. Para além das grandes obras sinfônicas, dirige regularmente repertório de ópera.

Neste domínio, os destaques recentes incluem *Oedipe* de Enesco, com a Sinfônica de Viena, no Festival de Bregenz, *O Navio Fantasma* de Wagner, na Ópera de Paris, e *Pelléas et Mélisande* de Debussy, na Ópera Estadual da Baviera, bem como várias produções para a Ópera e Ballet Nacionais da Finlândia, incluindo o ciclo *O Anel do Nibelungo* de Wagner, *Dialogues des Carmélites* de Poulenc, *Don Giovanni* de Mozart, *Turandot* de Puccini, *Salome* de R. Strauss, *Billy Budd* de Britten, e uma versão coreografada da *Messa da Requiem* de Verdi.

Hannu Lintu estudou violoncelo e piano na Academia Sibelius, em Helsínquia, instituição onde mais tarde se formou em direção de orquestra com Jorma Panula. Estudou também com Myung-Whun Chung na Accademia Musicale Chigiana, em Siena. Em 1994 venceu o Concurso Nórdico de Direção de Orquestra, em Bergen.

Alessio Bax

Alessio Bax surgiu em primeiro plano a nível internacional quando, em 2000, venceu o Concurso Internacional de Piano de Leeds, tendo anteriormente vencido o Concurso Internacional de Piano de Hamamatsu, em 1997. Desde então, apresentou-se com cerca de 200 orquestras, sob a direção de maestros de renome como Marin Alsop, Vladimir Ashkenazy, Andrew Davis, Hannu Lintu, Fabio Luisi, Simon Rattle, Ruth Reinhardt, Yuri Temirkanov ou Jaap van Zweden. No domínio da música de câmara, partilhou o palco com Lisa Batiashvili, Joshua Bell, Ian Bostridge, James Ehnes, Vilde Frang, Steven Isserlis, François Leleux, Sergei Nakariakov, Emmanuel Pahud, Lawrence Power, Jean-Guihen Queyras, Paul Watkins e Tabea Zimmermann, entre muitos outros.

Alessio Bax é Diretor Artístico e fundador do London Chamber Music Festival, na Sinfonia Smith Square. Desde 2017, é também o Diretor Artístico do festival *Incontri in Terra di Siena*, um festival de verão em Val d'Orcia, na região da Toscana. Apresenta-se com regularidade em festivais de música, incluindo Seattle, Bravo Vail, Salon-de-Provence, Great Lakes, Verbier, Ravinia, Music@Menlo, Aspen e Tanglewood. Foi galardoado com a Avery Fisher Career Grant, o Andrew Wolf Chamber Music Award e o Lincoln Center Award for Emerging Artists. Na sua aclamada discografia para a Signum Classics, os seus álbuns mais recentes são *Forgotten Dances* e *Debussy and Ravel for Two*, com Lucille Chung. Aos 14 anos de idade, Alessio Bax formou-se com distinção no Conservatório de Bari, na sua cidade natal em Itália. Após estudos adicionais na Europa, mudou-se para os EUA em 1994. Desde o outono de 2019, integra o corpo docente de piano do New England Conservatory of Boston. É também codiretor artístico da Fundação Joaquín Achúcarro para os pianistas emergentes.

Orquestra Gulbenkian

Em 1962 a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian. Ao longo de mais de sessenta anos de atividade, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de cerca de sessenta instrumentistas, que pode ser expandido de acordo com as exigências de cada programa. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian interpretar um amplo repertório, do Barroco até à música contemporânea.

Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas podem também ser interpretadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efetivos orquestrais para que foram originalmente concebidas, no que respeita ao equilíbrio da respetiva arquitetura sonora.

Em cada temporada, a Orquestra Gulbenkian realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório, em Lisboa, em cujo âmbito colabora com os maiores nomes do mundo da música, nomeadamente maestros e solistas.

Atua também com regularidade noutros palcos nacionais, cumprindo desta forma uma significativa função descentralizadora.

No plano internacional, a Orquestra Gulbenkian foi ampliando gradualmente a sua atividade, tendo efetuado digressões na Europa, na Ásia, em África e nas Américas. No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrinx, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida, desde muito cedo, com diversos prémios internacionais de grande prestígio. O finlandês Hannu Lintu é o Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian.

PRIMEIROS VIOLINOS

Erik Heide CONCERTINO*

Francisco Lima Santos 1º CONCERTINO AUXILIAR

Maria Balbi 2º CONCERTINO AUXILIAR

Alla Javoronkova

Ana Beatriz Manzanilla

Elena Ryabova

Maria José Laginha

Otto da Casa de Pereira

Catarina Ferreira

Catarina Resende

Margarida Queirós

Félix Duarte

David Ascensão*

César Nogueira*

SEGUNDOS VIOLINOS

Anna Paliwoda 1º SOLISTA

Zachary Spontak 1º SOLISTA

Piotr Rachwał 2º SOLISTA

Jorge Teixeira

Tera Shimizu

Stefan Schreiber

Ana Isabel Malheiro

Gonçalo Melo

Bernardo Barreira

Ricardo Vieira

Inês Marques*

Flávia Marques*

Ana Sofia Faria*

VIOLAS

Samuel Barsegian 1º SOLISTA

Lu Zheng 1º SOLISTA

João Tiago Dinis 2º SOLISTA

Nuno Soares

Sara Moreira

Artemis Balkiz

Joana Silva

Micaela Miranda

Milan Radocaj*

Dinis Campos*

VIOLONCELOS

Martin Henneken 1º SOLISTA
Samuli Peltonen 1º SOLISTA*
Raquel Reis 2º SOLISTA
Jeremy Lake
Leonor Moniz
Tiago Mirra*
Maria Nabeiro*
Fernando Costa*

CONTRABAIXOS

Pedro Vares de Azevedo 1º SOLISTA
Domingos Ribeiro 1º SOLISTA
Manuel Rêgo 2º SOLISTA
Marine Triolet
Luís Ferreira
Romeu Santos*

FLAUTAS

Cristina Ánchel 1º SOLISTA
Sónia Pais 1º SOLISTA
Amalia Tortajada 2º SOLISTA
Natália Monteiro 2º SOLISTA*

OBOÉS

Pedro Ribeiro 1º SOLISTA
Nelson Alves 1º SOLISTA
Alice Caplow-Sparks 2º SOLISTA | CORNE INGLÉS

CLARINETES

Iva Barbosa 1º SOLISTA
Telmo Costa 1º SOLISTA
José María Mosqueda 2º SOLISTA | CLARINETE BAIXO

FAGOTES

Ricardo Ramos 1º SOLISTA
Vera Dias 1º SOLISTA
Raquel Saraiva 2º SOLISTA | CONTRAFAGOTE

TROMPAS

Duarte Moreira 1º SOLISTA
Telmo Rocha 1º SOLISTA
Pedro Fernandes 2º SOLISTA
Antonia Chandler 2º SOLISTA

TROMPETES

Carlos Leite 1º SOLISTA
Jorge Almeida 1º SOLISTA*
José Pedro Pereira 2º SOLISTA

TROMBONES

Sergi Miñana 1º SOLISTA
Rui Fernandes 2º SOLISTA
Thierry Redondo 2º SOLISTA | TROMBONE BAIXO

TUBAS

Amílcar Gameiro 1º SOLISTA
Elmano Pereira 1º SOLISTA

TIMBALES

Rui Sul Gomes 1º SOLISTA

PERCUSSÃO

Abel Cardoso 2º SOLISTA
Tomás Rosa 2º SOLISTA*
José Afonso Sousa 2º SOLISTA*
Pedro Silva 2º SOLISTA*
Ryoko Imai 2º SOLISTA*
Marco Fernandes 2º SOLISTA*

HARPA

Beatriz Cortesão 1º SOLISTA*

PIANO

Dana Radú 1º SOLISTA*

CELESTA

José Diogo Martins 1º SOLISTA*

* Instrumentista convidado

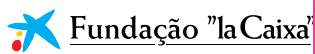
COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO

Américo Martins
Marta Ferreira de Andrade
Pedro Canhoto
Fábio Cachão
Inês Nunes

A cultura mostra-nos o mundo. Fala-nos de nós próprios. Do que fomos e do que seremos. E ensina-nos a ser melhores. Como pessoas e como sociedade. É por isso que no BPI e na Fundação "la Caixa" estamos comprometidos a aproximá-la de todas as pessoas. Onde quer que estejam. Isto é acreditar na cultura. **Isto é crescer com a cultura.**



Apoiamos *a cultura* para *melhorar* *a sociedade*



